

DA SALA DE AULA AO MANGUEZAL: TRANSFORMANDO A TEORIA EM PRÁTICA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ESTUDO DOS IMPACTOS ANTRÓPICOS EM MANGUEZAIS

Ana Beatriz Alves Pereira Lira¹
Maria Alice Ferraz de Souza Alves²
Bruno Severo Gomes³

INTRODUÇÃO

A educação ambiental tem um papel significativo na formação de cidadãos críticos e comprometidos com o cuidado com a natureza, pois promove o desenvolvimento de valores sociais e de comportamentos voltados à conservação dos recursos naturais e à melhoria da qualidade do ambiente e, conseqüentemente, da vida. A educação ambiental deve ser compreendida como um processo que integre fatores sociais, ecológicos e culturais das vivências de cada indivíduo (Reigota, 1994), possibilitando uma melhor e mais significativa aprendizagem, promovendo o protagonismo dos indivíduos (Loureiro, 2012). A escola é o local mais propício para a construção do conhecimento voltado para a consciência ambiental, especialmente quando o conteúdo permite a adoção de metodologias ativas que conectam a teoria com a prática, auxiliando na observação, reflexão e participação dos estudantes em relação às problemáticas apresentadas.

O presente projeto teve o objetivo de promover uma vivência expositiva dialogada e prática sobre o ecossistema manguezal, abordando aspectos ecológicos e culturais, bem como sua importância e fatores que o prejudicam, a fim de desenvolver o conhecimento ambiental e despertar a sensibilidade dos estudantes. A aula foi desenvolvida na eletiva intitulada “Impactos Ambientais”, da Escola de Referência em Ensino Médio Ginásio Pernambucano, localizado na Rua da Aurora, sob orientação do professor de biologia Alexandre Teixeira e das participantes ‘pibidianas’ do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, Ana Beatriz e Maria Alice, com intuito de apresentar o manguezal que fica localizado em frente à escola, visto que, mesmo

¹ Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, beatriz.plira@ufpe.br;

² Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, maria.ferraza@ufpe.br;

³ Doutor em Microbiologia, docente do Centro de Ciências Médicas (CCM) da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, bruno.severo@ufpe.br



convivendo diariamente em um espaço próximo a ele, muitos alunos não reconhecem seu valor ecológico, social e econômico. Assim, a atividade proposta visou aproximar os conteúdos teóricos trabalhados em sala de aula com a prática vivenciada no manguezal, tornando o aprendizado mais significativo.

Desse modo, a atividade proposta se justifica pela necessidade de ampliar o leque de práticas pedagógicas que favoreçam a sensibilização e conhecimento ambiental, assim como a valorização do patrimônio natural e cultural, ampliando o papel da escola como espaço de formação crítica e transformadora.

METODOLOGIA

A atividade proposta para os discentes foi organizada em três etapas. A primeira consistiu em uma aula expositiva e dialogada sobre o ecossistema manguezal, abordando conceitos ecológicos e culturais, com o auxílio de músicas e discussões a respeito do cotidiano e da cultura local, como o movimento Mangubeat e sua relação com o ambiente. Em seguida, foi realizada uma saída de campo ao manguezal localizado em frente à escola, na Rua da Aurora, no qual os estudantes puderam observar diretamente a fauna, a flora, os elementos socioculturais e econômicos do ambiente. Por fim, os alunos realizaram uma atividade na qual deveriam destacar os fatores bióticos e abióticos observados no manguezal, além de suas percepções sobre o local, indicando os principais problemas identificados e a importância do ecossistema para a comunidade. Todas as respostas foram utilizadas posteriormente para um debate em sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos com a ação realizada foram positivos, mostrando um interesse significativo por parte dos discentes em todas as etapas da atividade. Durante a aula expositiva e dialogada, foi observada uma participação ativa por parte dos estudantes, visto que nos materiais e debates trazidos pelas pibidianas haviam elementos do cotidiano e da cultura local, como referências ao movimento Mangubeat. Essa aproximação entre o conteúdo teórico e a realidade dos discentes estimulou o interesse e o diálogo em sala de aula, visto que o aprendizado é mais efetivo quando as temáticas abordadas são reconhecidas pelos educandos, mostrando sua relevância social e ambiental (Loureiro, 2012).



A saída de campo ao manguezal foi uma etapa essencial para unir o aprendizado teórico e chamar a atenção dos estudantes. Muitos relataram nunca ter observado com atenção aquele ambiente, mesmo convivendo diariamente com ele. A experiência direta permitiu que identificassem aspectos ecológicos, como a vegetação típica do mangue e a presença de fauna adaptada ao ambiente salobro, bem como problemas ambientais visíveis, como o despejo de esgoto no rio, provindo de uma grande empresa da região, fator que compromete a biodiversidade local e a qualidade da água. Essa percepção crítica fortalece ainda mais o papel das práticas quando se trata de educação ambiental, pois é na observação da realidade que o aluno adquire uma consciência ecológica e um maior senso crítico e de responsabilidade diante das questões ambientais (Reigota, 1994).

O reconhecimento dos elementos culturais presentes na região próxima ao manguezal, como a escultura do caranguejo em homenagem ao movimento Manguebeat, símbolo da resistência e valorização da identidade recifense, foi um grande ponto de destaque. Quando se une a cultura popular com o cotidiano dos discentes fica claro que a educação ambiental não abrange apenas a ecologia, mas também o patrimônio cultural, o que colabora para o senso de pertencimento em relação ao espaço.

A implementação de práticas pedagógicas mais participativas e interdisciplinares como instrumentos eficazes na formação de cidadãos mais conscientes, ambientalmente responsáveis e críticos (Jacobi, 2003) é notável quando se analisa os relatos dos alunos sobre a redescoberta do local, visto que antes não visualizavam o espaço de maneira ativa, e sobre as aulas fora da sala de aula tradicional despertarem uma maior atenção e curiosidade.

De forma geral, os resultados indicam que atividades baseadas em vivências práticas ampliam a compreensão dos alunos sobre o meio ambiente e fortalecem a relação entre conhecimento científico e realidade social. A experiência no manguezal proporcionou aos estudantes não apenas um aprendizado conceitual, mas também cultural e ético, favorecendo a sensibilização e o compromisso com a conservação do ecossistema. Assim, a iniciativa reafirma a importância da educação ambiental como um processo integrador e transformador, capaz de estimular a reflexão e a ação responsável diante dos desafios ambientais da atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A atividade desenvolvida evidenciou que práticas pedagógicas baseadas em vivências, como as aulas de campo, são estratégias eficazes para fortalecer a educação ambiental e promover uma aprendizagem significativa aos discentes. Ao integrar a teoria debatida em sala de aula com a observação direta do ecossistema manguezal e seus aspectos culturais, os estudantes puderam compreender de forma mais ampla as interações entre sociedade e natureza.

Os resultados evidenciaram avanços na percepção crítica dos alunos em relação aos impactos antrópicos, bem como maior valorização dos espaços naturais próximos à escola. A abordagem interdisciplinar, que incluiu elementos da cultura local, como o movimento Mangubeat, contribuiu para despertar o interesse. A união entre conteúdo científico e identidade cultural reforça a importância de metodologias que aproximem o conhecimento acadêmico da realidade dos estudantes, tornando o processo educativo mais dinâmico e contextualizado.

Do ponto de vista científico e social, o trabalho reforça a relevância de se repensar o papel da escola na construção de valores éticos e ambientais, reconhecendo-a como um espaço de formação crítica e cidadã. A proposta também abre perspectivas para novas pesquisas que investiguem o impacto de experiências práticas e culturais na consolidação da consciência ambiental, bem como no desenvolvimento de atitudes sustentáveis a longo prazo. Dessa forma, a ação contribui para o fortalecimento da educação ambiental enquanto campo de produção de conhecimento e transformação social, reafirmando seu papel essencial na construção de um futuro mais sustentável e participativo por parte da sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e ao professor-coordenador Bruno Severo pela oportunidade de poder estar pela primeira vez em uma sala de aula e conhecer, com outros olhos, um mundo que antes eu só conhecia sob a perspectiva de aluna.

À CAPES, por todas as bolsas concedidas, que me auxiliaram a levar materiais para os estudantes e também contribuíram para meus momentos de lazer fora do ambiente acadêmico.

Agradeço aos alunos da eletiva de Impactos Ambientais, por terem aceitado participar de todas as atividades propostas por nós, e ao professor Alexandre Teixeira



por ter disponibilizado espaço em suas aulas para que eu pudesse aprender mais e crescer no ambiente escolar.

À minha amiga Maria Alice, que esteve junto a mim do início ao final da graduação, por sempre ter me incentivado a participar de diversos eventos e congressos e por ter passado 18 meses de PIBID compartilhando momentos únicos. Nós conseguimos!

REFERÊNCIAS

JACOBI, Pedro Roberto. *Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade*. Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189–205, 2003.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos, 211).

